



na toca #2

na toca

o zine na toca nasceu dessa vontade de se corresponder nesses tempos estranhos, que a gente não podia sair e abraçar os amigos, os queridos, os familiares.

dá muita saudade, mas a gente ainda pode se encontrar de alguma forma.

esse projeto-zine apostava que essa forma pode ser a da arte, cada qual trazendo um texto ou desenho ou foto ou qualquer outra coisa, que tem uma potência tão forte por si só, acaba aumentando quando está do lado da arte do outro. que nem a gente!

estamos distantes, mas isso não precisa dizer que estamos sozinhos. muito pelo contrário. essas conversas que a gente tem com a gente mesmo e o mundo geram muita coisa bonita - e agora queremos compartilhar isso com você.

te dedico esse zine na esperança que você goste, se inspire, e aposte que no mundo ainda há beleza.

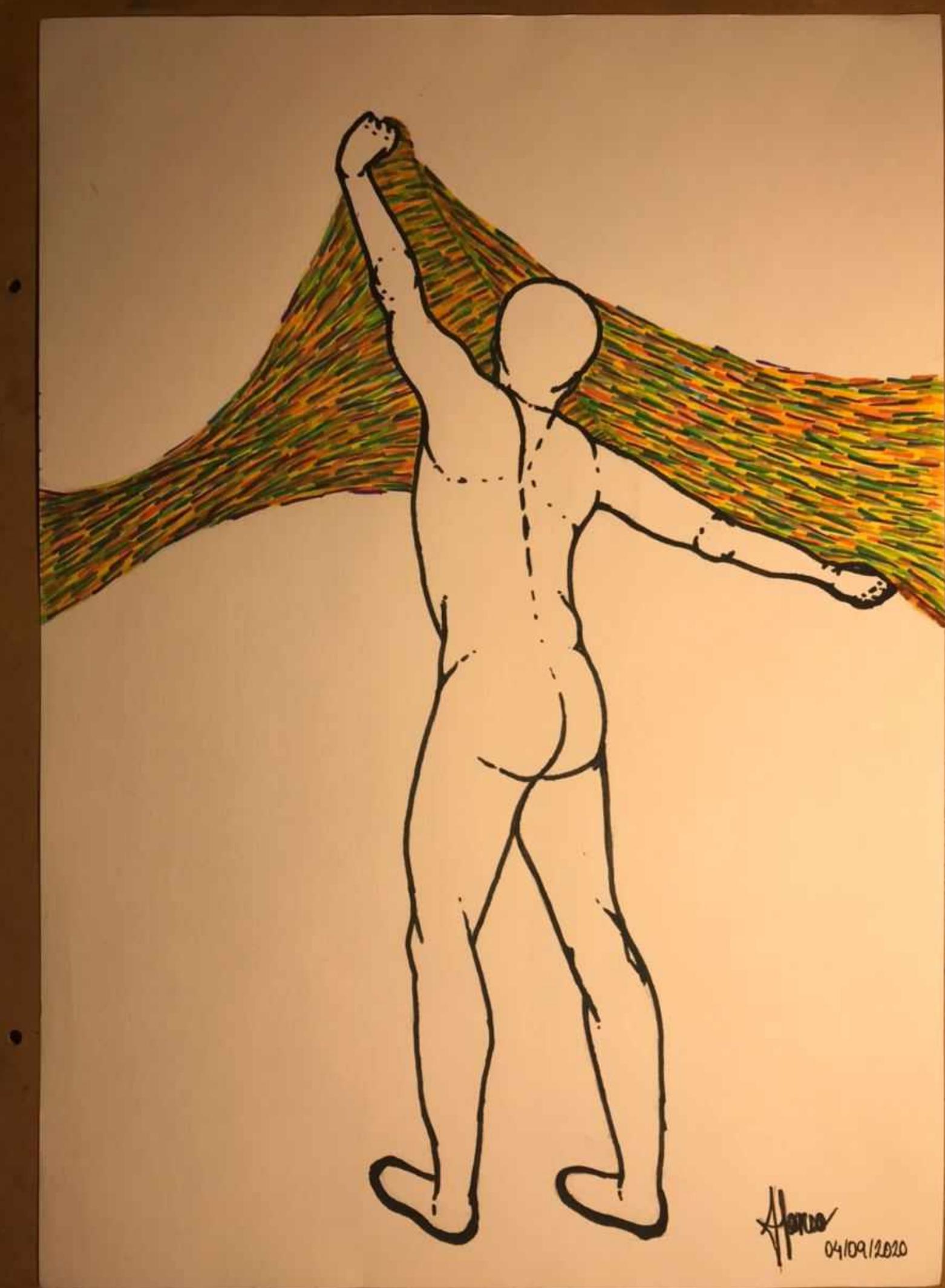
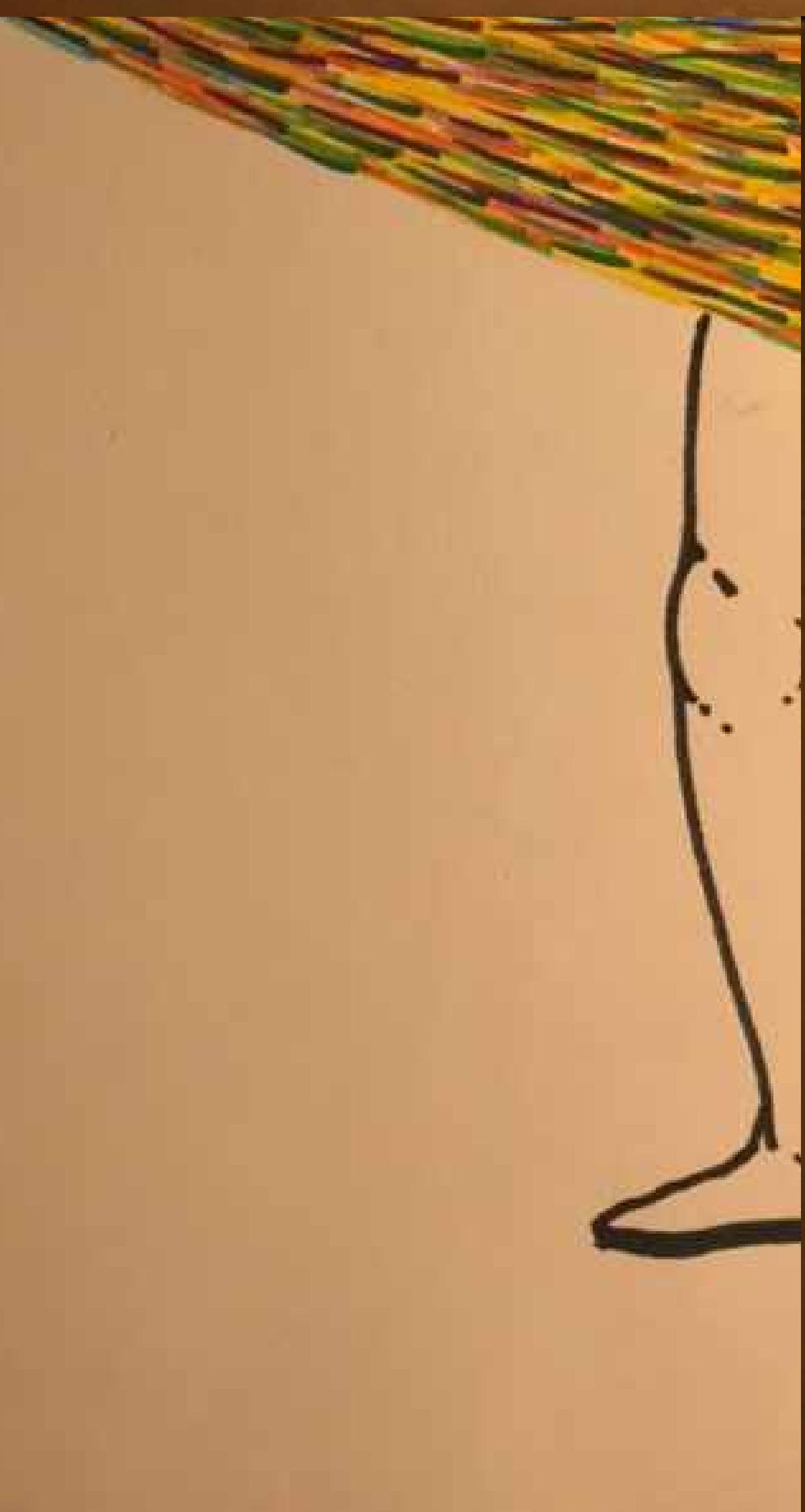
Por Levis

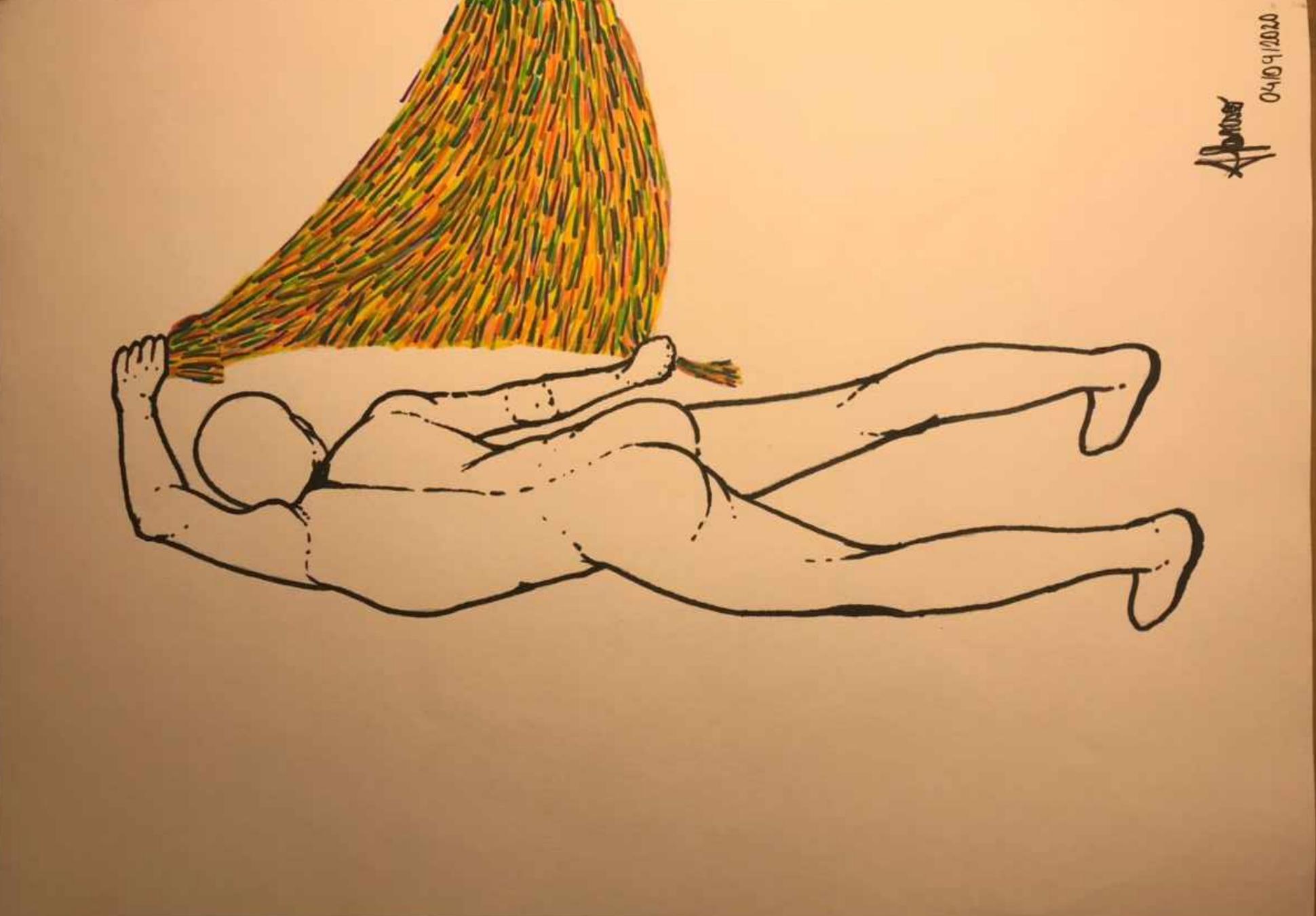
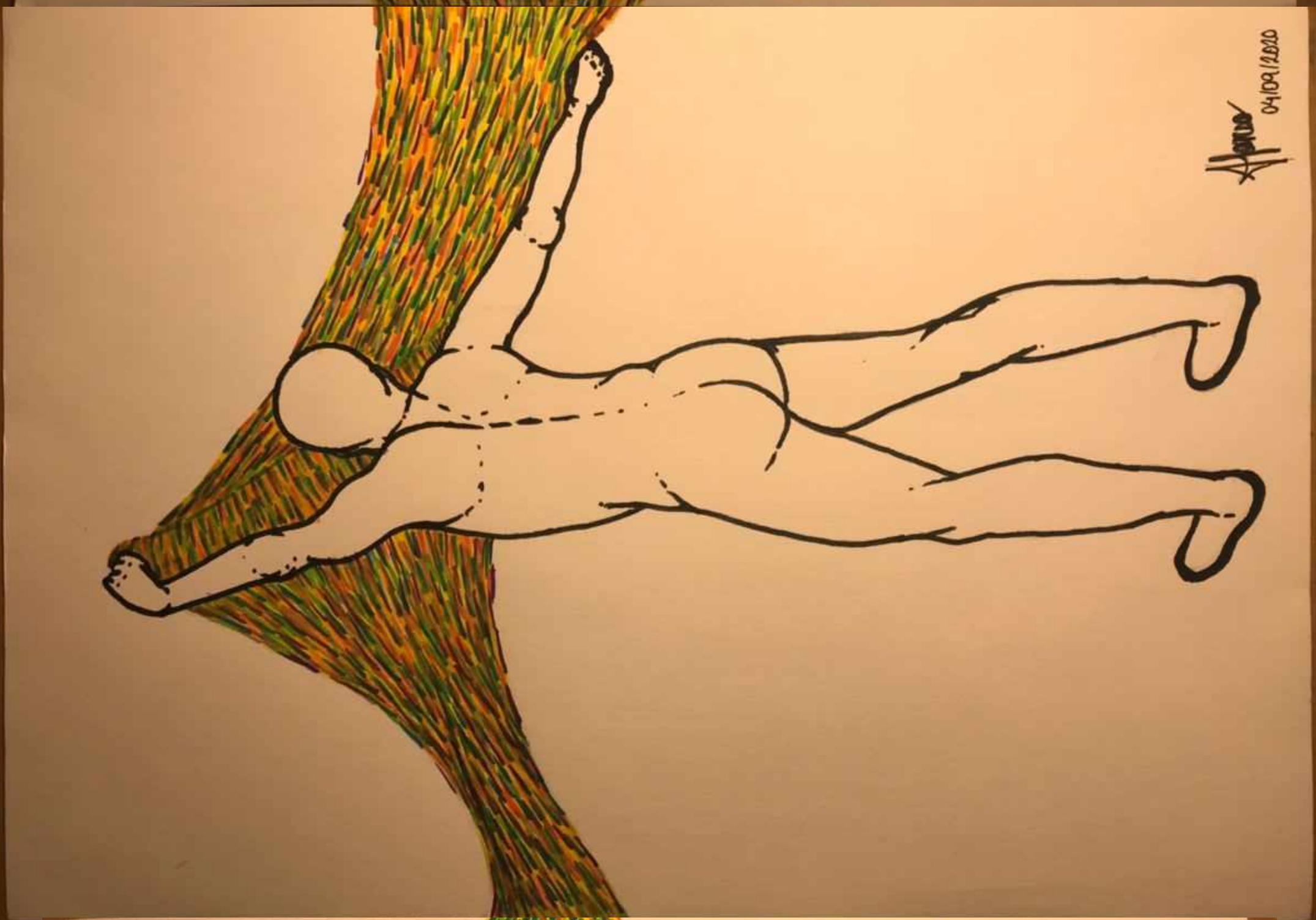
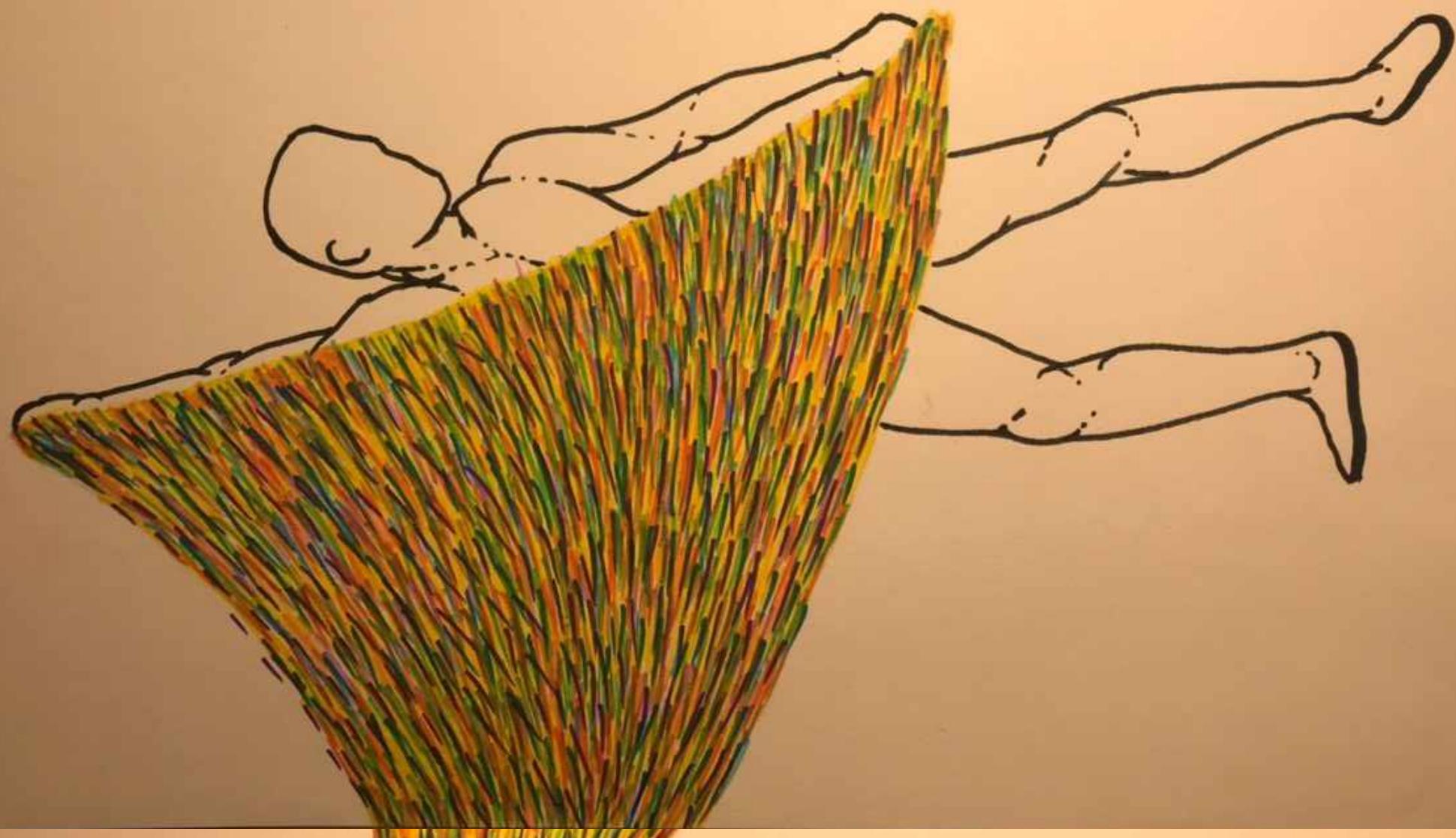
na toca

participam desse zine:

- Afonso de Souza
- Amanda Aguiar
- Camila Huhn
- Artur Dalim
- Fabienne Maia
- Bia Ferreira
- Fernanda Araruna
- Sayra
- Juliana do Vale
- Maria
- Everton Pinheiro
- Maylle Lima
- Suzy Crisóstomo
- Lanna Carvalho
- Pierre

e Levis organizou e diagramou
o zine, com recursos do site
freepik.com
meu muito obrigado a todos que
toparam participar dessa edição!



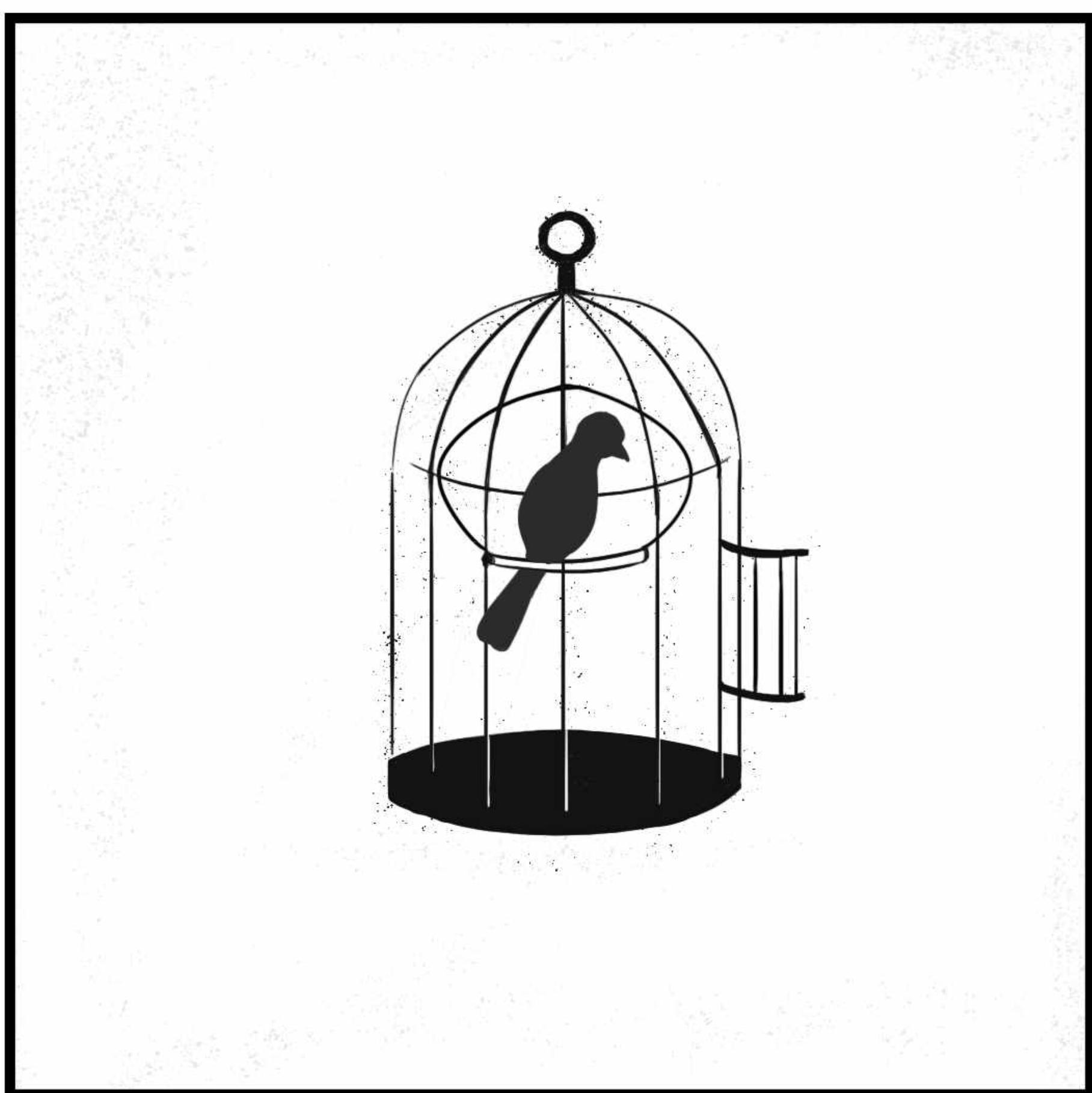


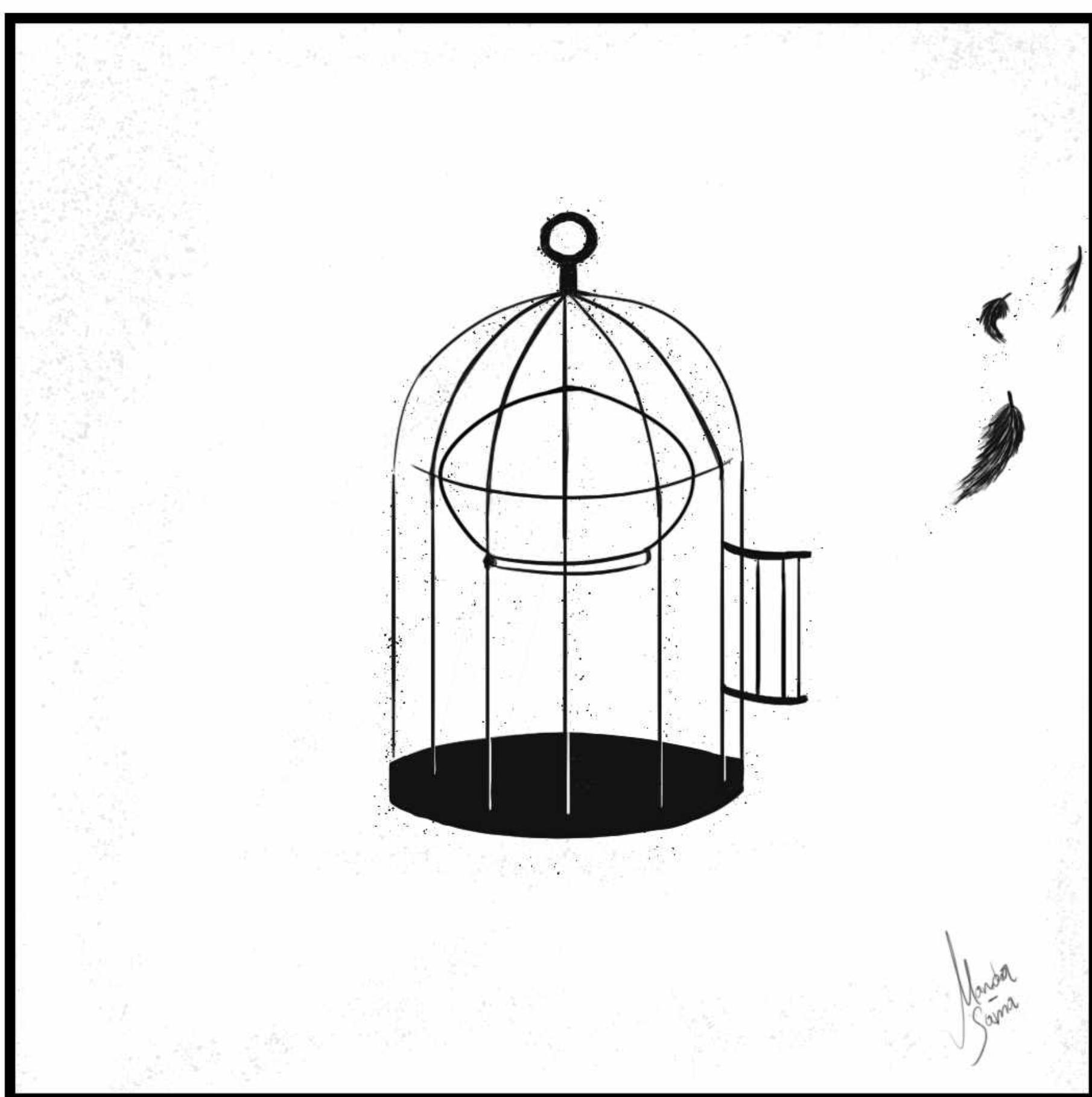
Identidade e corpo, pós mundo moderno, identidade não se é mais algo único e concreto em uma pessoa, mas sim fragmentos que se alteram de acordo com o período, local, clima, cultura e entre outros, assim questiona o sociólogo Stuart Hall em seu livro "A identidade cultural na pós-modernidade". A tríade de desenhos busca retratar a fragmentação de identidades em uma única pessoa, identidades das quais habitam o mesmo corpo onde se expressam em uma dança conjunta e interligada através de um grande tecido que se estende de vida.

Autor: Afonso de Souza
Nome da tríade: Identidade e Corpo
Data: 04 de setembro, 2020.



04/09/2020

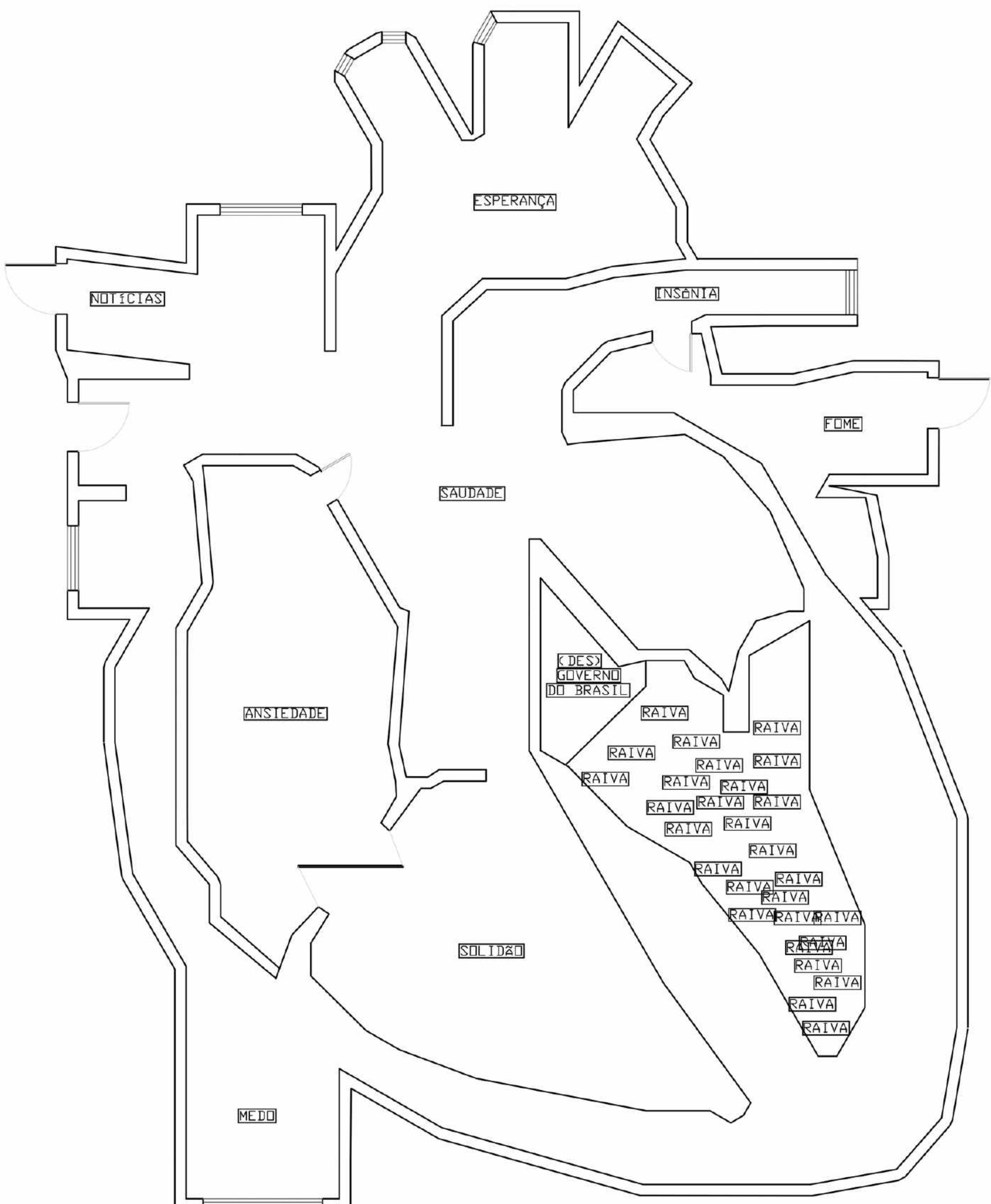






Não é sobre dizer "Adeus".
É sobre saber que ainda não era o tempo.

por Amanda Aguiar
@manda_sama

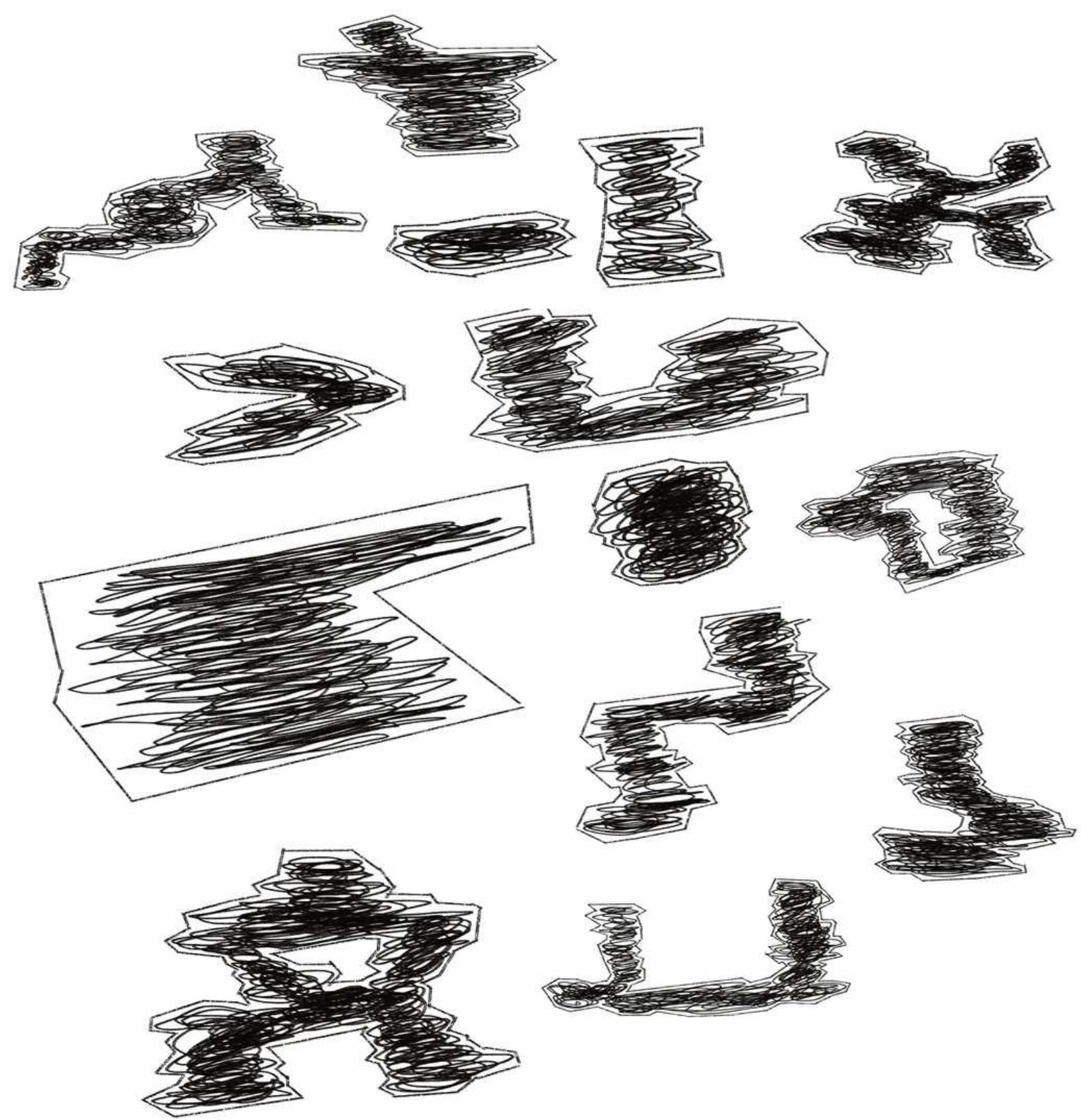
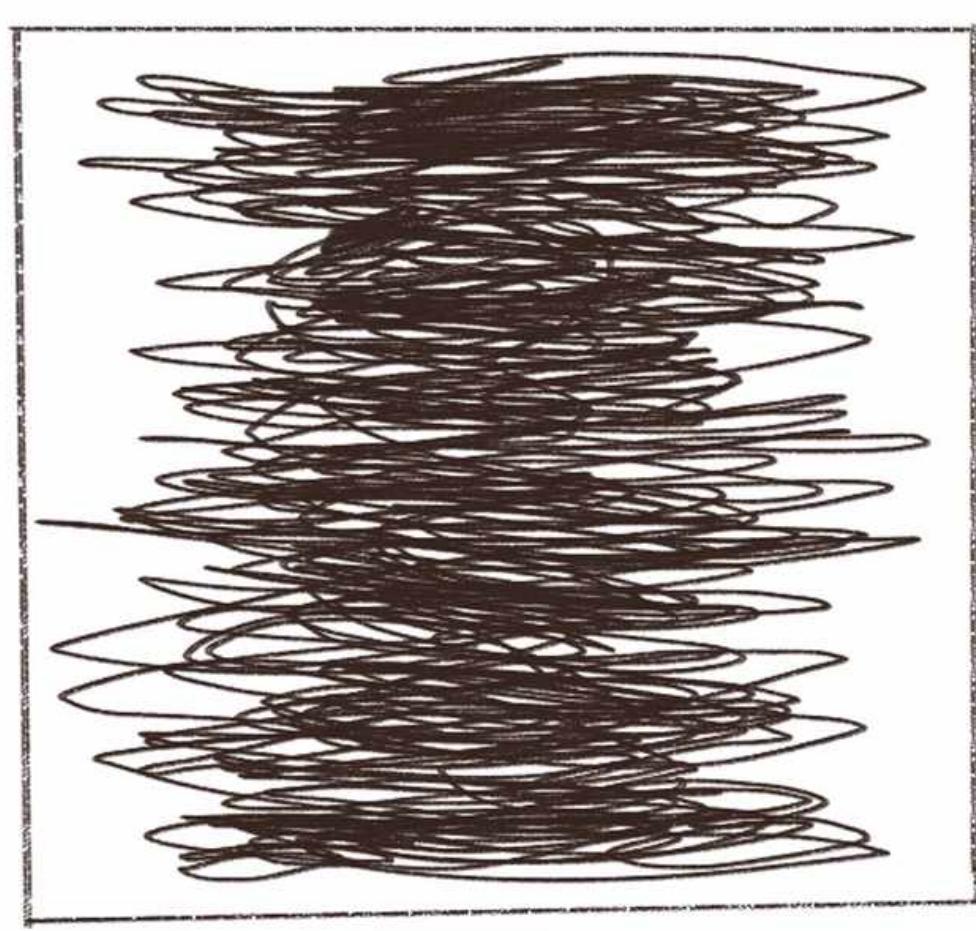


Meu corpo antes transeunte afínco da cidade, nômade de experiências urbanas, livre, vê-se agora preso dentro de mim, as ruas viraram corredores, a escala da cidade virou a escala do meu coração. Meu corpo agora não atravessa ruas, atravessa os medos e incertezas do futuro, refletidos nas janelas do presente.

Seus cômodos desenham percursos afetivos e displicentes. Em um desses cômodos, mora meu descontentamento com a ingerência e irresponsabilidade política, que mostrou sua face mais perversa ao desvalorizar a vida. Essa habitação é sempre reformada em novos ciclos, e espero que nas próximas eleições, esse cômodo insalubre possa ganhar janelas.

@camilahuhn

Camila Huhn
Arquitópicos - Coração
2020
Plotagem arquitetônica



Intentona Desenhista

é naturalmente nítido de que eu não sou desenhista, mas isso não iria me impedir de realizar tal ato. baixei o autodesk sketchbook e comecei a torar traços bem conservadores, por exemplo, tinha em mente desenhar uma planta logo que penso na minha amiga ferdi. uso canetas comuns e desenho um vaso [que segundo a jaine parece mais um saquinho de feira], logo ponho plantas bem verdinhas saltando da terrinha desse objeto. ficou legal, mas como não tenho capacitação criativa e profissional no ramo, ficou bem ruim.

de novo, eu não iria parar de tentar. aí, decidi usar uma nova caneta, essa em recomendação da jaine uma exímia ilustradora, percebo que tô próximo do resultado esperado. exploro um pouco mais as ferramentas do programa e ao lado da lanna, desenho um cubo com risco. fico apaixonado pela vibração abstratista do desenho.

assumo a minha identidade artística = rasuras em tela branca.

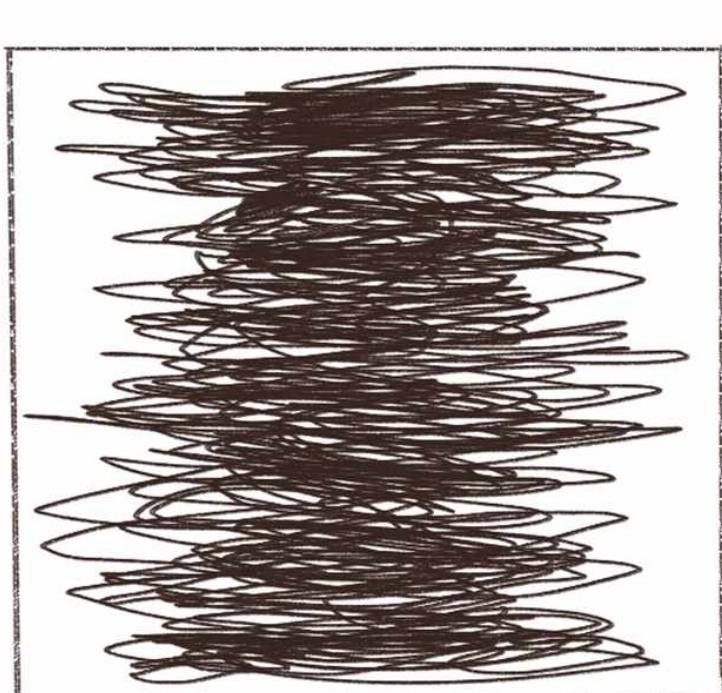
vou tentando criar novas peças para um pequeno material e tenho como pira-inspiração, o desenhar de formas geométricas inteirando de rasuras no seu miolo. ao longo do processo vou perdendo a criatividade quanto aos formatos, mas eu ainda não estava pronto para o abandonar, e como autointitulado Não-Desenhista, tenho a liberdade de não seguir padrões

técnicos [não que um desenhista tenha essa obrigação, mas me apropio dessa liberdade.

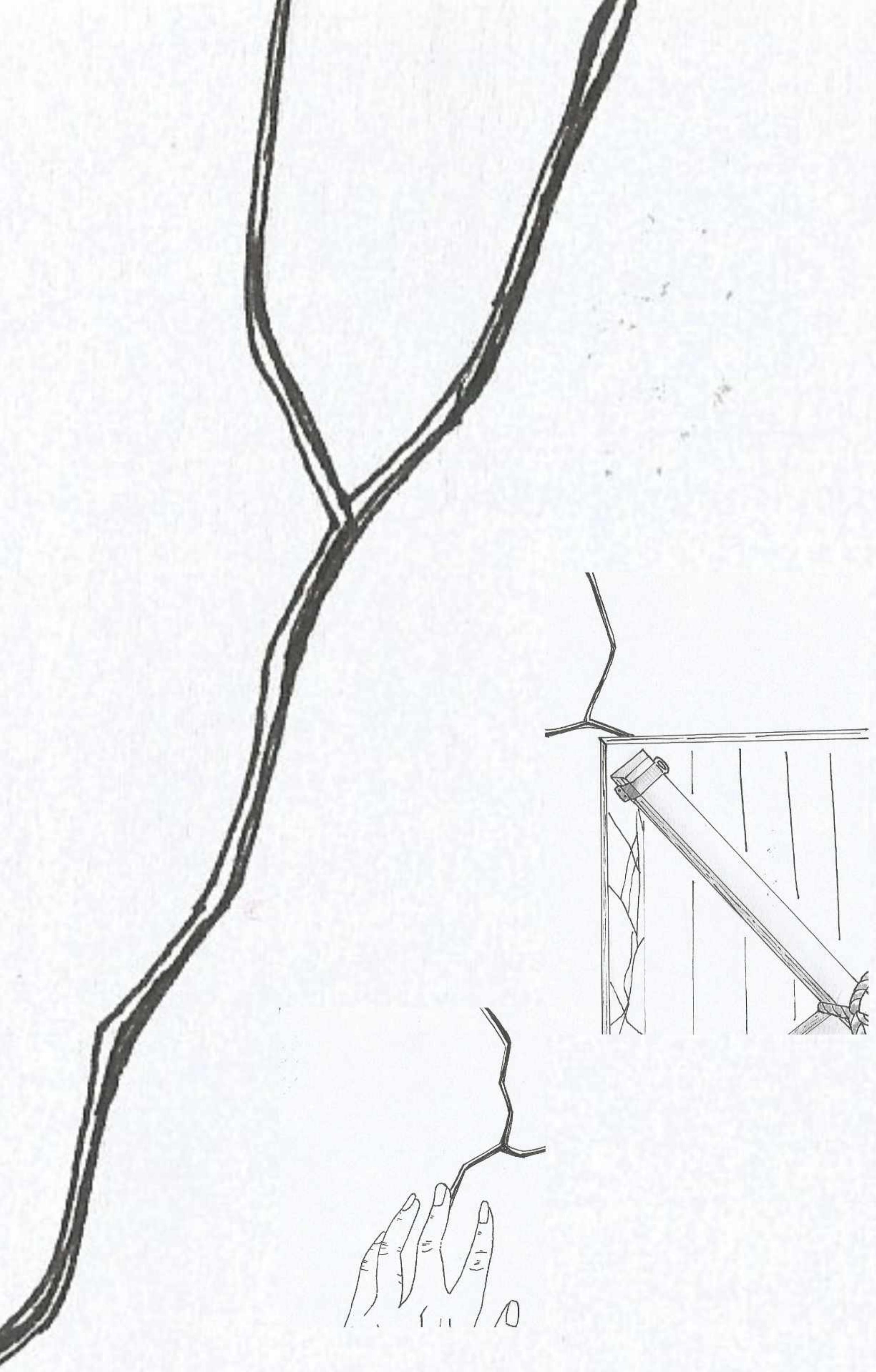
começo por rasuras desatentas, somente riscos sequenciados e guiados pelo mouse do PC, no fim do processo, vou finalizando com linhas retas para delimitar o formato desses rasuras.

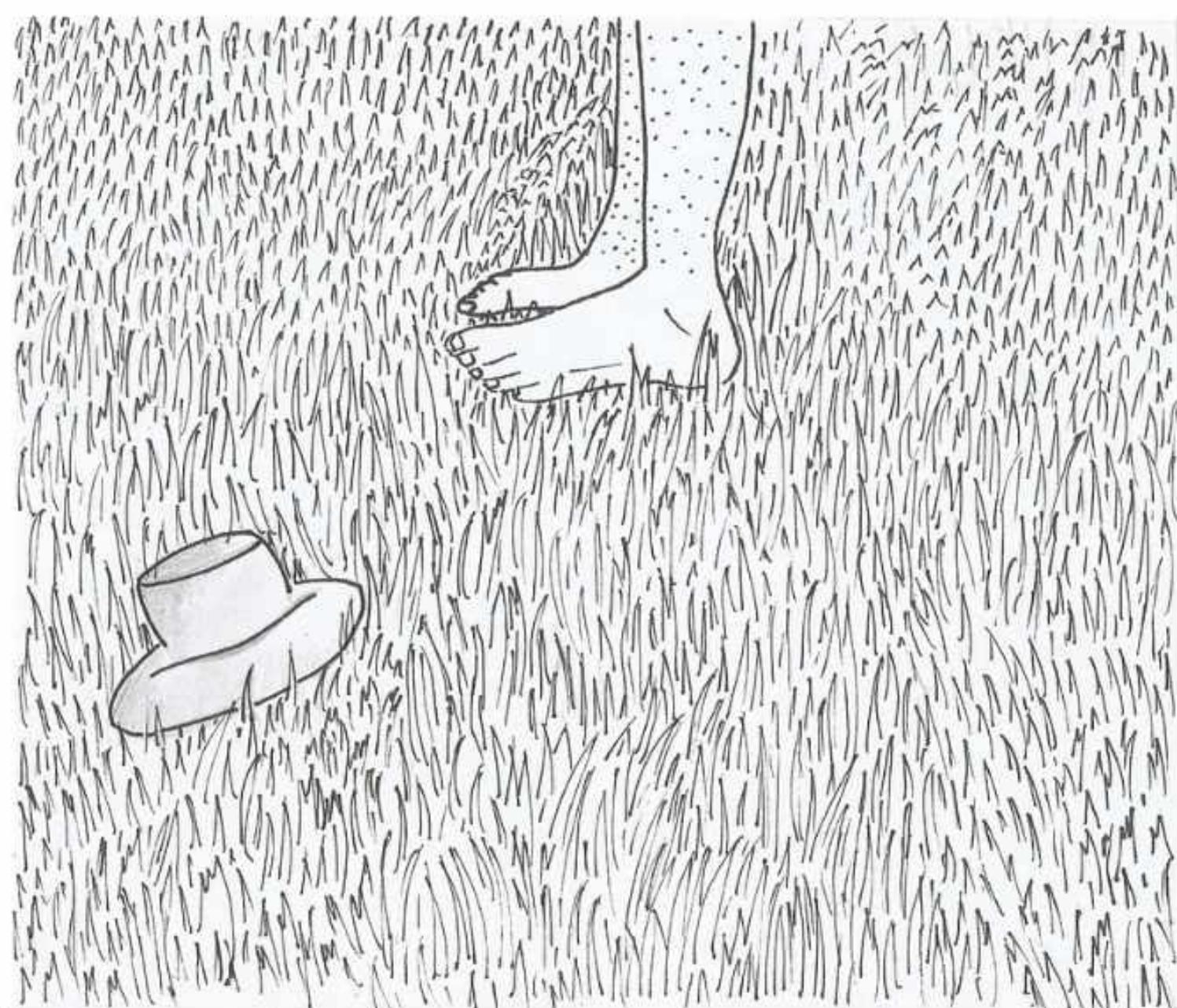
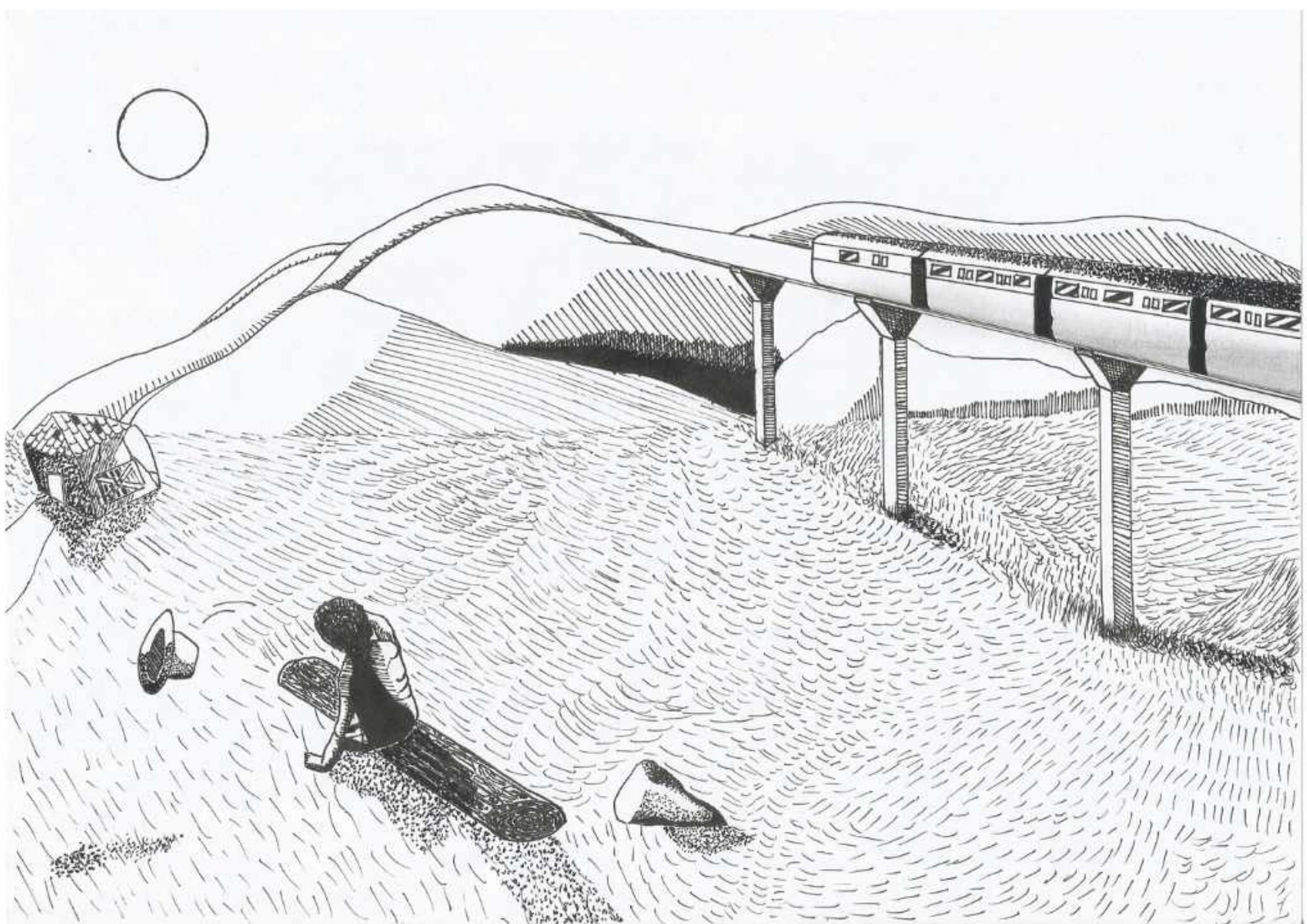
lanna e levi f posaram para mim e eu fingi capturar suas almas. para o levi f, usando a música Ageispolis do Aphex Twin como guia espiritual da viagem desenhacional, para a lanna como esperado, foi escolhida Supernature do Cerrone [é uma das suas músicas favoritas], a pose que ela me deu como modelo ficou meio confusa, talvez foi um dos piores desenhos, o engraçado é que parte de uma das melhores pessoas da cidade.

acho que a intentona desenhista primeiro tem como intenção a de inversão de processos, sobretudo a vontade de demarcar espacialmente-geograficamente-territorialmente o limite de qualquer inquietação.



por Artur Dalim





TENTEI ESCREVER ALGUMA COISA MAS NÃO CONSEGUI.
MINHA CABEÇA GIRA, A ALMA ENFEBRECE, PULMÃO ECOA.
EM TEMPOS DE FRASES ESCASSAS E IMAGENS DE SOBRA,
TENTO TE ACESSAR PELO SONHO, MAS ESSA SEMANA NÃO
COCHILEI A TARDE.

POR FABIENNE MAIA









Voa e deixa voar

*Voa
Bem alto
Grita mais alto
Desce bem fundo
Roda o mundo
Vira vida, vida vira
Voa*

*Deixa voar
Deixa alcançar o céu
E ultrapassar
Alcançar planetas
E estrelas desbravar
Deixa fluir
Deixa nadar*

*Eu sou mar
Sou vento
Sou fogo
Um é profundo como a alma
Outro ultrapassa até a alma
Por último renasce das cinzas
Vou voar*

*Voar
Voar
Voar*

*Nada
Nada
Nada*

*Queima
Arde
Acende*

por Bia Ferreira

06:15h da manhã eu me pego pensando sobre todos os meus anos anteriores e suas consequências, eu ando meio confusa. após o dia 31 de dezembro, eu achava que dessa vez esse era o meu ano. eu usei roupas brancas e assim que a meia-noite bateu pulei as sete ondinhas, mentalizei pensamentos positivos sobre a vida, o amor e toda aquela vontade de querer mudar para melhor no ano que viria.

ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.

mais uma vez belchior falhava em sua teoria. talvez seja por ele saber que tal afirmação não passava de um equívoco e quisesse deixar uma mensagem importante sobre expectativas. eu criei esperanças altas e apressadas sobre o meu ano, o mundo, com você e com o que depois de janeiro pudesse acontecer com a gente.

eu ouvi o trecho do livro de um amigo, pensei bastante em nós, e se quando todo esse caos acabar e no meio da multidão nos encontrarmos, você vai se lembrar de mim? vai me deixar falar da saudade que sinto e sobre o quanto eu queria ouvir a sua voz de novo?

em seguida, de primeira coloco pra tocar uma música da Gal, só ela é capaz de expressar tudo aquilo que aqui dentro passa.

talvez você nem se lembre mais do motivo que lhe fazia querer vir, nem ao menos se lembrar do gosto que o meu nome fazia na sua ao me procurar.

ainda na metade de abril comentam que eu ainda penso em você. já estamos em agosto e eu sou ríspida ao responder, que não. não tanto quanto antes, mas era óbvio, ainda tinha partes de você dentro de mim. a sua voz ecoava pelo quarto logo ao amanhecer e eu não conseguia fugir.

*I want to text big news, debrief the day, call in the night,
fall asleep on the phone again. I miss you so much.*

concluo que realmente seja toda essa pressa que estrague as coisas. é, então aí, que a paixão quebra e eu queria fazer o mundo parar. fim de agosto, eu ainda gravo áudios falando sobre as suas coisas favoritas, só que isso você não recebe mais.

*I want my friend but I know
I need to say goodbye
I just want to see you prosper, grow, be happy.*

ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. eu achava que esse era o meu ano e mais uma vez belchior falhava em sua teoria. talvez por ele saber que tal afirmação não passava de um equívoco e quisesse deixar uma mensagem importante sobre expectativas, elas andam devagar.

eu criei expectativas altas e apressadas sobre o meu ano,
o mundo, com você e com o que depois de janeiro
pudesse acontecer com a gente.

e eu descobri que não acontece.

— belchior em esse ano eu não morro.

por Fernanda Araruna

I.

Cansada da superficialidade

Relações pautadas em aparências com desavenças e muita falta de compreensão

Relações sem acalento sem contento e sem um pingo de noção

Vivendo esgotada de tanta gente sem interesse e com interesse nas contradições (a superficialidade anda me sufocando).

2.

Navegador

Navego pelo mar das incertezas com medo de me machucar

Me perco toda vez ao te beijar

Me faço vulnerável pra te encontrar e me desfaço cada vez no teu olhar.

3.

Depois que a gente se afastou, nutri dentro de mim todos os dias a esperança de que você voltaria aos meus braços, que você se daria conta que o teu lugar é ao meu lado e eu ansiava profundamente por esse dia, mas ele nunca chegou.

Dias passaram, meses passaram, você se foi, nunca mais soube notícias suas, nunca mais ouvi o som da tua voz, tão pouco o som da tua risada, nunca mais te vi novamente e o único mísero sinal de como você estava era que já estava nos braços de outro alguém, isso me lembrou muito uma música de Vinícius de Moraes, "Por onde anda você", e sinceramente? preferia continuar sem saber. No início foi difícil lidar, mas acontece não é mesmo? Alguma hora alguém tinha que superar, alguém tinha que seguir em frente, alguém encontraria outro ser a quem novamente repousaríamos, não te desejo mal, nunca desejarei, espero que você seja feliz mesmo que sem mim.

Dizer que ainda te espero? Seria tolo demais, preciso seguir igual você fez, talvez o meu erro foi perceber isso tarde demais, me entregar pra outro alguém foi e está sendo tão difícil, tá difícil conseguir confiar novamente depois que você partiu, tá difícil encontrar alguém que eu queira como te quis. Incrivelmente estranho como pessoas que passaram por nossas vidas e ficaram por tão pouco tempo conseguem nos quebrar de tantas formas mas em pedaços eu tento me reconstruir e estou me curando, então aos poucos renasço pertencendo dessa vez unicamente a mim.

por Sayra

A Fase da Aceitação

Crescer é entender o significado de perder um grande amor. Perder um amor, pode acontecer de vários jeitos, em tempos diferentes, com inúmeras interpretações.

Um amor pode se perder com tempo, sem cuidado; pode ser interrompido de forma brusca e incontestável; pode se esvair na rotina; como pode apenas terminar, sem vírgula, com apenas um ponto final.

Com isso, vem a dor incontrolável que nenhum remédio, rezadeira ou qualquer força do universo pode te tirar. Vem as noites mal dormidas; as paranóias; a raiva; as crises de choro; o aperto no peito e a tal saudade. Aquela saudade...

Saudade de um tempo que não volta, de memórias escondidas em choros descontrolados, a saudade daquela tarde de sábado segurando sua mão na beira da praia, conversando sobre coisas que não dá mais para lembrar. Posso até sentir a maresia e o balançar daquele ônibus enquanto eu admirava seu sorriso e sentia sua falta bem antes de te ver sair.

A saudade da rotina e o cheiro do
café coando de manhã. Dos teus
beijos.

E de tudo que você queria me ensinar
sobre os teus conhecimentos
específicos.

Aquela saudade de todos os planos
não firmados e irreais.

E de todo aquele clichê de sentir
que eu te amava demais.

E eu te amei demais.

Mas eu cresci.

E aprendi a perder um grande amor.

por Juliana do Vale

bom 15:16

eu tenho apenas um curto poema 15:16

you remind me of an old feeling of comfort,
a feeling so deep it weakened all others
only to fade away
slowly
leaving me no choice but to look for it my whole life,
through all my ways,
'cause you're the smell before the rain 15:16

bjs 15:16

por Maria 19:04

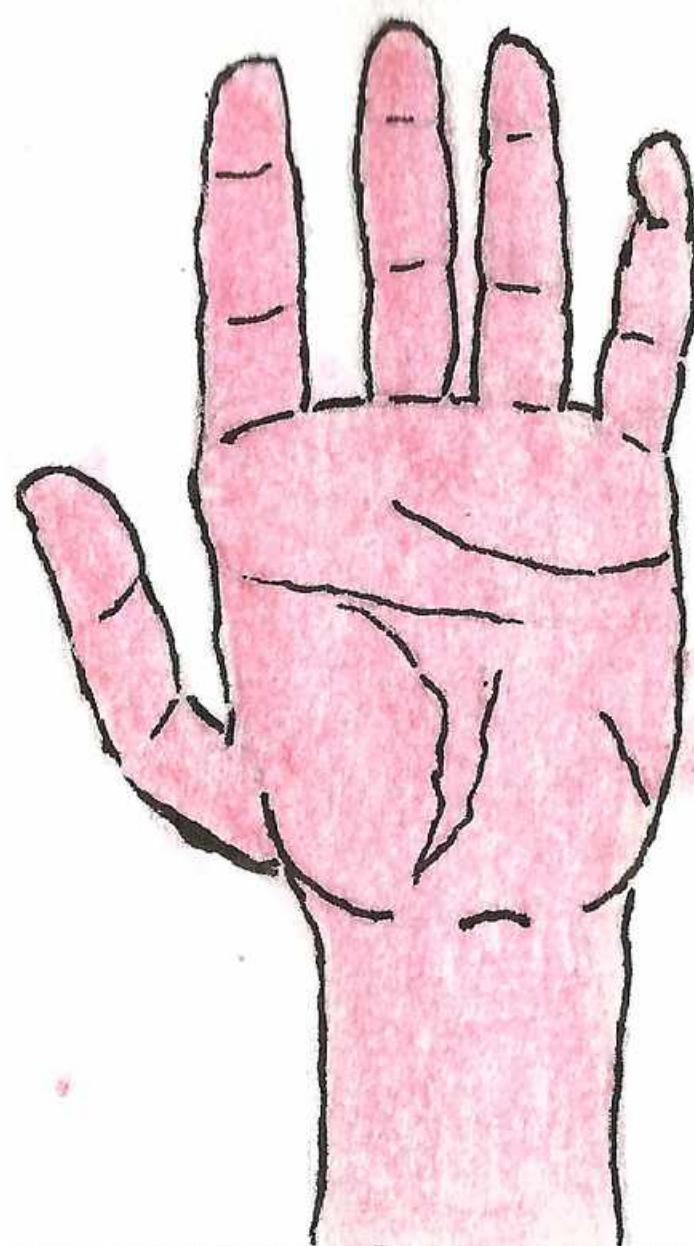
FETICHE

Ele me tocava com
suas mãos quentes
parecia estar com
medo do meu corpo
do que em mim ele
podia descobrir

ele passava os
dedos no meu cabelo
minha boca entre aberta
pernas juntas
respiração ofegante
coração acelerado
estava ali para
dar prazer a ele
esse era meu
FETICHE.

por Everton Pinheiro

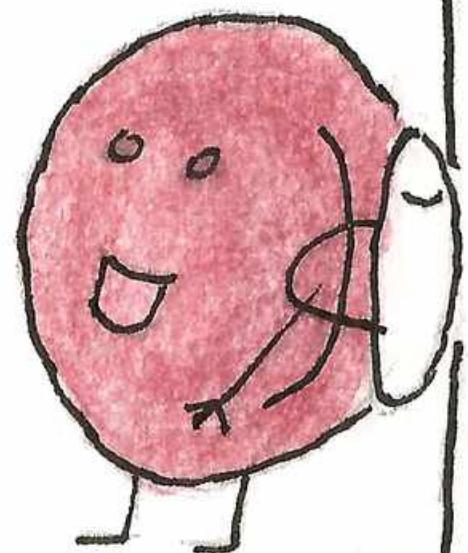
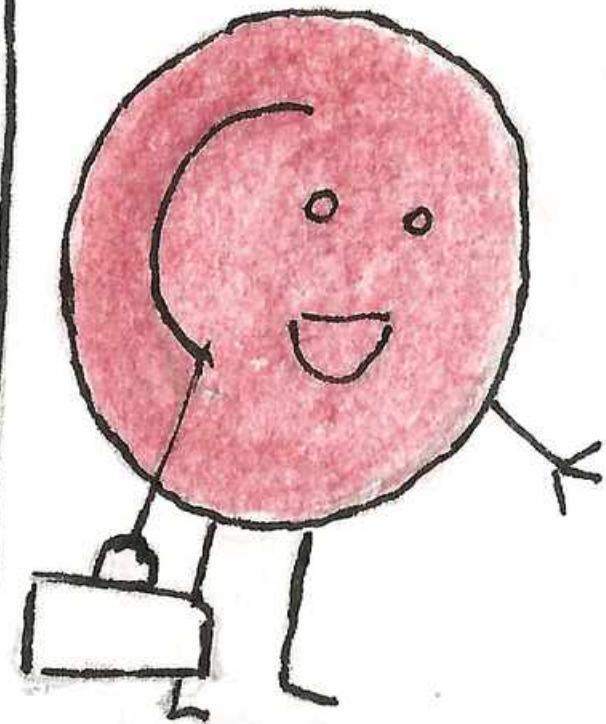
eu nunca entendi



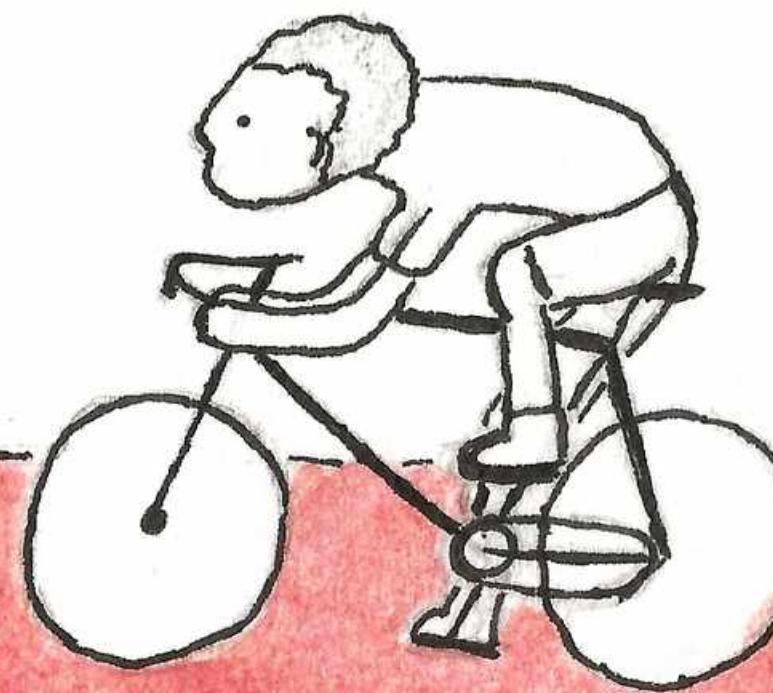
como
era
viver

em duas
cidades
diferentes

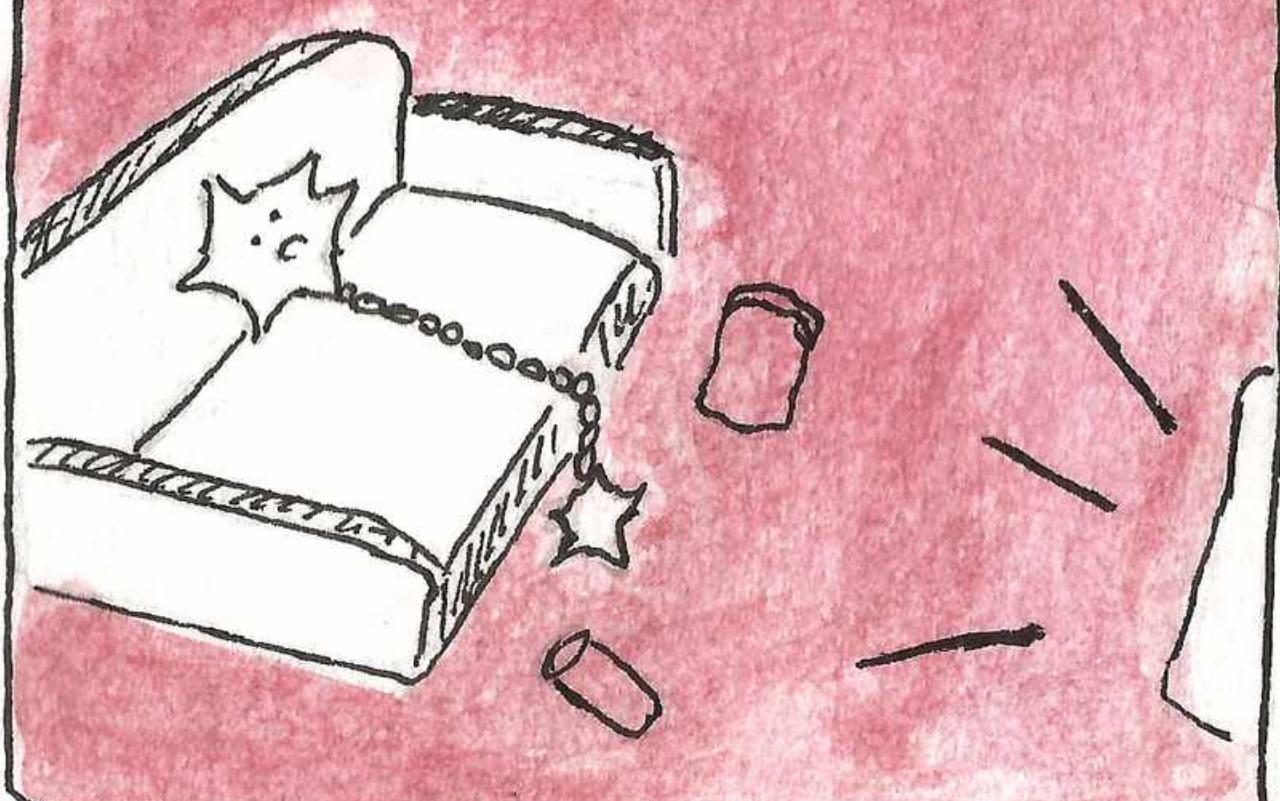
ao mesmo
tempo



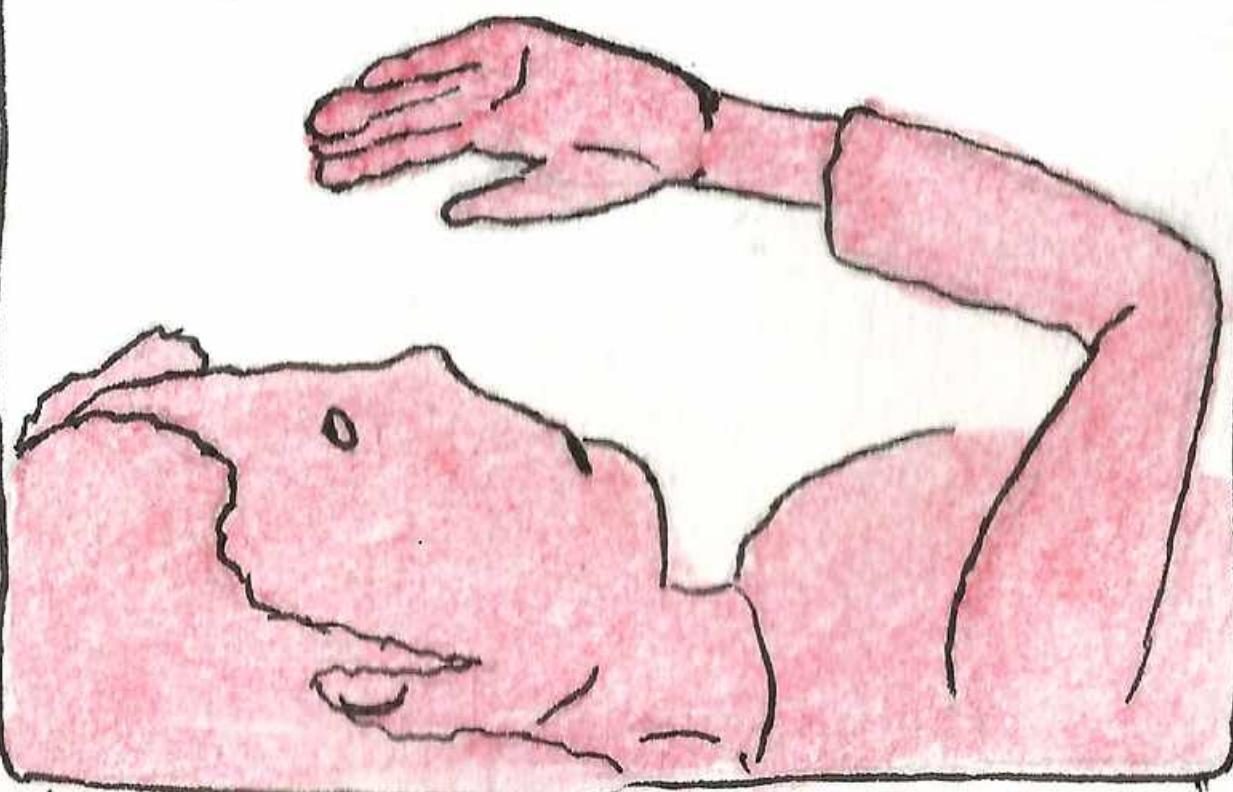
mas achei que
fosse melhor



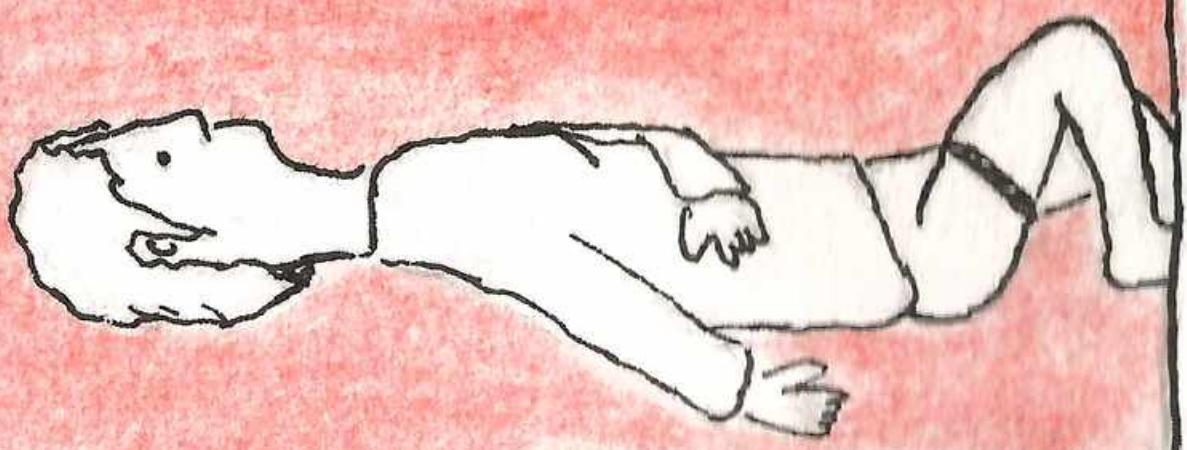
do que viver dentro



e fora de si



ao mesmo
tempo



marina porto

O Deus-Verme e o Djabo das furmiga

Maylle Lima Freitas

Good night, prezado leitor, para mim esse é o melhor cumprimento, pois é uma despedida na escuridão. Deixe-me apresentar, tenho um currículo impecável; até Machado de Assis me elogia, pro Dos Anjos eu sou um Deus, sou branco e magro, o padrão de beleza ocidental. Muitos se acham poderosos, mas eu tenho o poder de limpar da existência todos que outrora foram viventes nessa terra. Prazer, humano alfabetizado que agora me lê, sou o Verme. O Deus-Verme.

De maneira que devem haver percebido: gosto de morte e deuses, portanto nessa pequena narrativa pode me chamar de Hades. O seu nome não importa, um dia conhecerei o mais profundo de ti, mas você nem vai perceber. Como em toda família, tenho primos desonrados. A Tênia que, preguiçosa, mora no intestino e só sai do seu leito para afogar-se na morte, em um vaso sanitário, ao ser atacada por um vermífugo barato.

O Cisticercose quis imitar os mais bizarros filmes de ficção científica agora vive de meter-se em cérebros humanos e tentar controlá-los.

Apesar de mais nobre morada, ele não escapa do mesmo vermífugo. Eu, do domínio Eukaryota, filho do Reino Animalia, não sou extermínado, como disse, gozo da gratidão de nobres literatos e cientistas da biologia. Antes do nosso final encontro, vou explicar com uma breve história o fardo de minha nobre missão.

O humano, homo sapiens, dotado de um coração mediano, se acha o mais nobre dos poetas. Eu, que posso quinze pares, estou seguro que com essa superioridade biológica, sou agraciado de uma existência mais poética e relevante.

Por um breve período de tempo, dentre os milhares de anos que trabalho sem parar, me mudei para uma fazenda. Me refrescava em suas terras, comia seus frutos caídos ao relento e escutava por horas e horas a conversa de dois homens, negros, ambos vislumbravam o branco reflexo do suor.

- A Sinhá mi pidiu pra prantá umas parrinha, já possovê as saúva se ajuntando no mel das uva, elas sente o xêro do doce - disse o homem de pele dourada.

- Inté pensei que eu faria vingá uns pézin de couve, dimanhãzinha cedo fui olhá e as fôia tava tã furada que os ôco faz inveja a meió das peneira, sás furmiga são o Djabo mermo! - respondeu o de pele preta.

“São o Djabo”, pensei, refleti, se sou um Deus é esperado que exista um inimigo para mim, meu nêmesis. Saúva, furmiga, Djabo. O oposto da minha existência. Eu limpava a morte do mundo dos vivos, ela traz a morte para a vida, corta seu crescer, sufoca as plantinhas com o seus buracos.

Olhei para uma casa logo acima das hortas, branca, cheia de varandas e bancos para sentar. Em um deles, apertada, estava uma mulher toda rosada, a cor da vergonha, apesar de o seu rosto se achar digno. Ela olhava petulante para os dois homens que luziam ao sol, as testas brilhando como as auréolas dos anjos e seu rosto se torcia de desgosto, a ouvi dizer:

- Esses homens são a praga desta terra, servem para o trabalho e mal! Não valem o ordenado que lhes dou, o barraco para dormir, não colhem nem uma uvinha da parreira, uma maçã do pomar, me sinto fazendo caridade a esses pobres diabos... escória da terra! - cuspiu a gorda senhora.

As três criaturas, sob o mesmo sol, eram fatigados. Dois eram cansados na luta contra a terra, nutrindo para que desse bons frutos. Eu sei o quão difícil é arar a terra, tornar fértil, trabalhar incansavelmente por um bem. A velha, por seu arfar cansado a simples presença da luz do sol, mesmo sem realizar qualquer esforço ou

atividade, além de proferir maldades, se transformava, aos meus corações, numa praga.

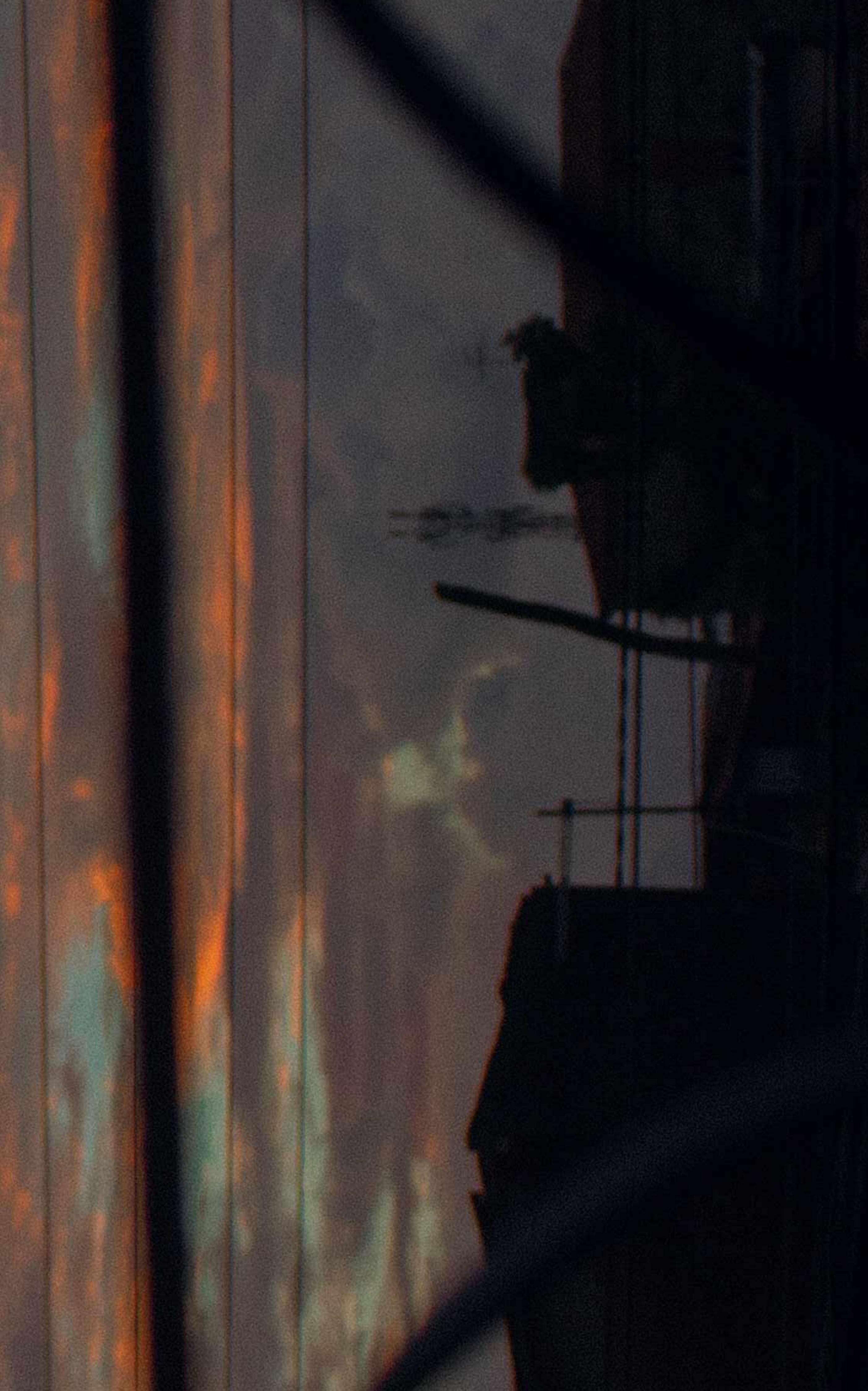
Ela era como o Djabo das furmiga, também minha inimiga, não era uma furmiga que sufocava e esquartejava frutinhas e folhas. Ela era furmiga de gente, roubava a vida daqueles dois homens e não sentia remorso, senão direito, como as furmigas fazem seus ninhos e dominam a terra sem pedir licença, ela fazia o mesmo naqueles inocentes pomares e hortas.

Um dia, muito doentes e fracos, vi partir da terra das furmiga o dourado, poucos dias depois, chegou ao mesmo buraco o negro. O corpo na terra, trabalho simples. Pensei, enquanto apagava os sinais e existência deles até deixar só os curtos cabelos, que seus corpos poderiam ajudar a nutrir a couve e a parreira que tentavam plantar, e assim pudessem marcar mais profundamente suas pesadas existências.

Anos depois, após me esgueirar com dificuldade em um rijo caixão de madeira, encontrei as velhas feições daquela mesma mulher. Após terminar o meu serviço, igualitário para todos, percebi naquela cova fria de pedra que como em vida, sua existência não servia de nada. Não existia terra para nutrir com o pesado subproduto daquela carne gorda. Contudo, rastejei aliviado para outros serviços após compostar uma das minhas inimigas, o Djabo daquela Furmiga.



por Suzy Crisóstomo





[1] querido subconsciente, ontem li em um lugar que futuramente poderemos fotografar ou gravar nossos sonhos. não sei se fiquei assustada ou animada por nós. imagina, se eu pudesse mostrar pra alguém a cena em que encontro um cavalo, dentro de um guarda-roupas de uma casa no meio do deserto? ou mostrar a cena de uma cobra roxa me perseguindo enquanto eu tô em uma lua, tentando fotografar júpiter? ninguém iria entender as motivações. quer dizer, você deve entender. ou não?

fico tentando decifrar o que quer dizer pra mim. tem sonhos que eu esqueço no momento que abro os olhos e outros, de anos atrás, que eu ainda lembro detalhadamente. tenho pena dos meus amigos que, vez ou outra recebem uns dez áudios meus contando de um sonho como se fosse uma novidade, mas é que preciso contar em voz alta para que a memória fique viva.

nesse período de isolamento, nós tivemos tantos pesadelos que eu perdi a conta. mas chamo a atenção para um em especial, que reverbera de uma forma muito forte até hoje. envolvia doença contagiosa, olhos no céu, nuvens girando cada vez mais rápido e transe. o sonho é uma espécie de transe, e eu entrei em transe dentro dele. me senti traída por mim mesma.

o sonho foi longo, acho que você lembra, né. agora, sempre que eu olho pro céu eurelembro, como se realmente tivesse sido um acontecimento da minha vida.

e será que não foi? outro dia desses, acordei cansada por ter sonhado três sonhos. parecia que eu nem tinha dormido. mas deve ser isso mesmo, quem dorme é o corpo. nós saímos e você faz as escolhas.só te peço, querido, que me traga mais visitas amigas nesse momento em que só posso abraçar em sonho.

2: [Sonho que tive da noite de 3 de abril para 4 de abril de 2020]: a doença atinge outro estágio, mas as pessoas continuam a desrespeitar o isolamento social. uma das fases pro próximo estágio é entrar em transe, onde a pessoa se desliga da realidade e nós não conseguimos fazer com que ela nos escute. há poucos relatos de pessoas que conseguem retornar.

eu, minha mãe e meu irmão mais novo estamos em uma casa espírita na qual frequentamos desde sempre. lá, sinto-me segura ao lado de tantos rostos conhecidos. todos sabem que tenho uma missão,nesse cenário. encontro dois amigos que não via há muito tempo. caminhamos juntos para o jardim dacasa espírita, onde sentamos no banco de mármore e começamos a conversar.

em um momento, olho pro céu. o azul da noite mais bonito do que nunca, com poucas nuvens aoredor, mas uma em destaque. ela começa a se movimentar, girando lentamente e acelerando. de olhosfixos na nuvem, perguntei aos meus amigos se eles estavam vendo aquilo e que parecia uma espéciede redemoinho no céu. não recebi nenhuma resposta. a nuvem se moveu mais rápido, e mais rápido...

num susto, com um barulho de explosão, meus olhos saem do céu. o jardim está completamente diferente de antes. eu estava em transe.

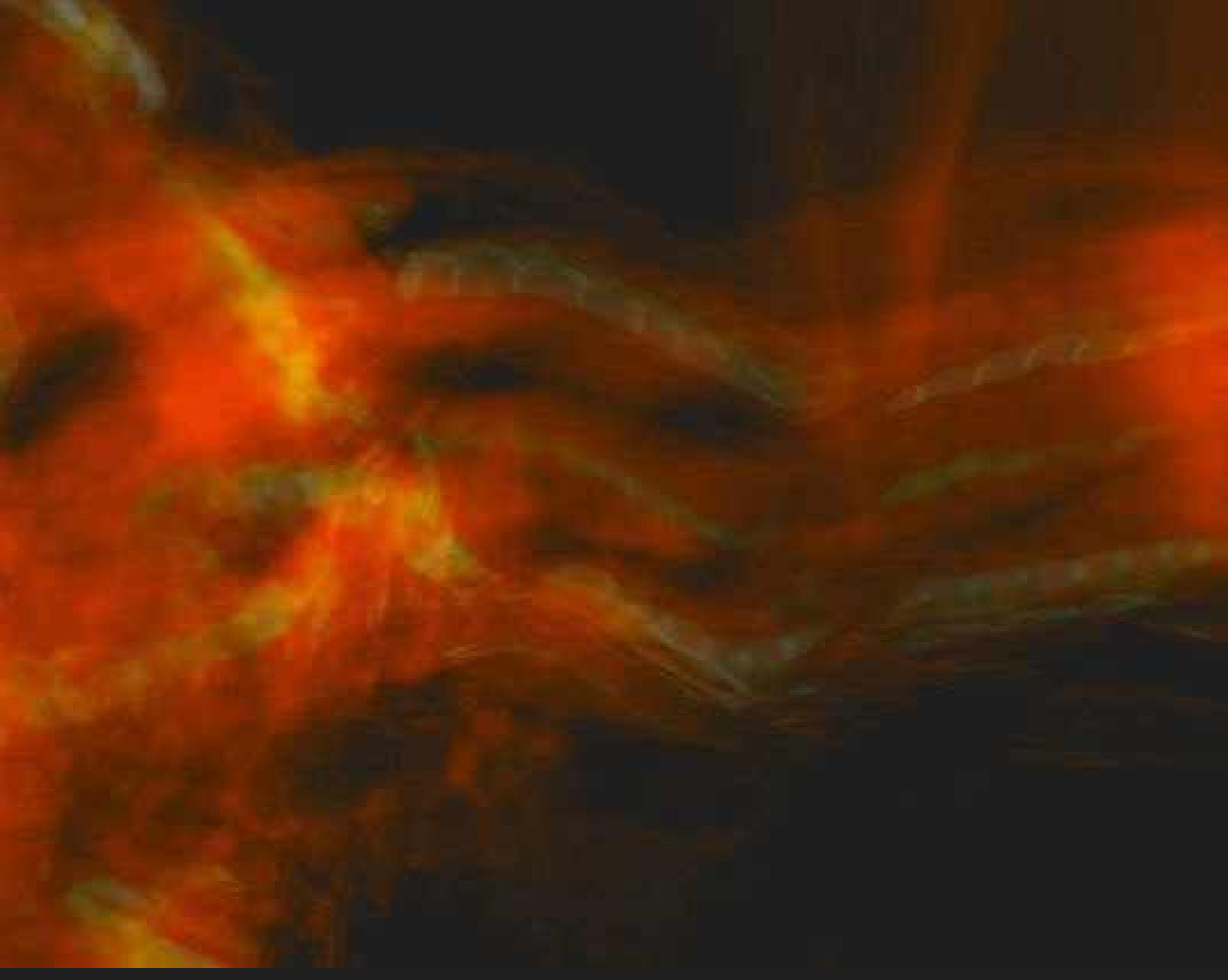
várias pessoas, desconhecidas, ao meu redor parecem ter saído de uma situação parecida da minha.estábamos todos confusos. pensei em minha família e meus amigos, e o desespero tomou conta demim. entramos juntos na casa e não havia mais ninguém, apenas ruínas. nas brechas da porta, vemos pessoas infectadas lá fora.

nos organizamos. escolhemos o melhor momento para sair. vemos uma pessoa não-infectada, pela brecha. há esperança. seguimos ela, até que chegamos em um galpão. os rostos conhecidos estavam lá,não todos, mas alguns. ficam felizes e surpresos por estarmos ali.

pergunto desesperadamente pela minha mãe. silêncio. continuo perguntando. até que um delesresponde."ela não quis vir conosco. sentou-se ao seu lado para esperar você sair do transe, e sumiu."

por Lanna Carvalho





Alerta, mas à distância...

Análise, mas sentindo os impulsos naturais...

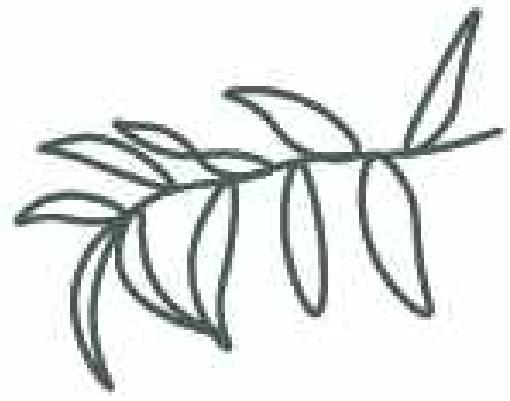
O grande rei dita seus próximos passos, e, ao menor sinal de perigo, de mudança no seu reinado, é hora de agir.

Ele sente seus sentidos mais aguçados, o toque, o olfato, o paladar, tudo ao mesmo tempo, com uma energia pulsante e vociferante em seu peito.

Essa é a visão do Pierre sobre essa nova obra: o momento, o presente, é o que está sendo vivido!

Para ver a obra em movimento, visite: waa.ai/uSC6

por Pierre



Na #2 Toca

natoca.site
farofinhas.site
fortaleza, 2020